

ExperimentAÇÃO: ensaios para a busca de metodologias inovadoras

Lourdes Luz, Dra – arquiteta. Universidade Veiga de Almeida

Nara Iwata, MSc – arquiteta. Universidade Veiga de Almeida

Tania Werneck, especialista – pedagoga. Universidade Veiga de Almeida

Resumo

O presente artigo apresenta o ExperimentAÇÃO, grupo transdisciplinar de professores da Universidade Veiga de Almeida, que conta com colaboradores externos e se propõe a ensaiar metodologias acadêmicas inovadoras aplicadas ao Ensino Superior. Trata-se de uma experiência ainda embrionária e o objetivo ao compartilhá-la é provocar uma reflexão crítica e possíveis contribuições no sentido de ampliar registros e discussões com vistas à qualidade do ensino.

Palavras chave: ensino superior, metodologias acadêmicas, experiência

1. Introdução

“Educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele, com tal gesto, salva-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens”
Hannah Arendt

Os temas de inovação e metodologias ativas se tornaram recorrentes no Ensino Superior. A complexidade crescente dos diversos setores da vida tem demandado o desenvolvimento de capacidades humanas de pensar, sentir e agir de modo mais amplo e profundo, comprometido com as questões do entorno em que se vive. Tal compreensão do processo de aprendizagem provoca uma mudança no papel e na atuação do docente e do aluno, exigindo participação e envolvimento, pesquisa, diálogo e crítica. Nesse momento entram em ação as metodologias ativas, entendidas como aquelas que incentivam e dão apoio aos processos de aprender.

A adoção de metodologias ativas rompe com a estrutura de disciplinas isoladas e cria uma dinâmica diferente de aprendizagem para a qual o professor precisa estar preparado. Uma só forma de trabalho pode não atingir a todos os alunos na conquista de níveis complexos de pensamento e de comprometimento. Assim, há a necessidade de se buscar diferentes alternativas que contenham, em sua proposta, como as metodologias dialógicas e reflexivas, as condições de provocar atividades que estimulem o desenvolvimento de

diferentes habilidades de pensamento dos alunos e possibilitem ao professor atuar naquelas situações que promovem a autonomia.

Podemos entender que as Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprendizado, utilizando experiências reais ou simuladas, visando à condição de solucionar, com sucesso (ou não) advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos.

Percebemos que os alunos que vivenciam esse método adquirem mais confiança em suas decisões e na aplicação do conhecimento em situações práticas, melhoram o relacionamento com os colegas, aprendem a se expressar melhor oralmente e por escrito, adquirem gosto para resolver problemas, reforçando a autonomia no pensar e no atuar.

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de se reinventar para obter o máximo de benefícios das metodologias ativas para a formação de seus alunos. Diante de tal desafio, está sendo criado o ExperimentAÇÃO, grupo transdisciplinar de professores da Universidade Veiga de Almeida, que conta com colaboradores externos e se propõe a ensaiar metodologias ativas aplicadas ao Ensino Superior.

2. ExperimentAÇÃO

ExperimentAÇÃO é um laboratório que tem como objetivo ensaiar metodologias inseridas em uma organização educacional, onde indivíduos compartilham, criam e recriam conhecimento através de experiências diretas. Os ensaios são realizados em horários não curriculares, com alunos voluntários e a participação de facilitadores externos ao contexto da academia.

Planeja-se um intercâmbio de propostas experimentais, um espaço livre que se pode traduzir em intervenções, apresentações de pesquisas, diálogos, práticas artísticas, trabalhos em processo e experimentações em geral.

A prioridade é se ocupar de aspectos de ação intelectual da metodologia dos ensaios no qual é permitido errar e retomar o ensaio em outra direção. É um processo educacional que se desenvolve continuamente. Através dos registros dos modelos como as

experiências docentes e discentes são realizadas e seus efeitos, buscam ampliar as reflexões e as evidências de seus benefícios pedagógicos.

Posteriormente, a descrição dos métodos de ação intelectual se torna necessária, pois as novas práticas serão oriundas desse “fazer”, apesar da importância de métodos semióticos (de signos) e hermenêuticos (de interpretação). E sua aplicabilidade pode ser redimensionada a diversas áreas, tendo como referência o conhecimento construído por discentes, docentes e todos os envolvidos na promoção de um aprendizado horizontal.

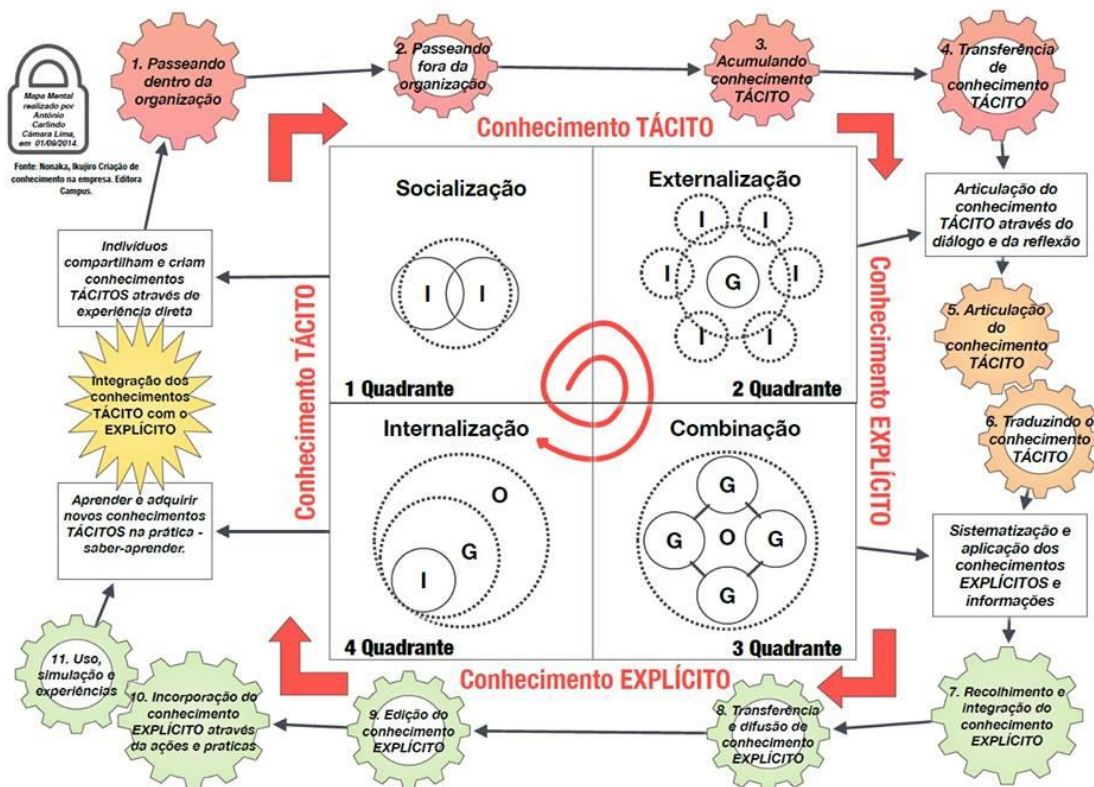


Fig. 1. O método de trabalho da Experimentação, segundo a visão do professor Antonio Carlindo Câmara Lima (2014)

3. Os fundamentos da Experimentação

O referencial teórico da Experimentação se desenvolve a partir de abordagens do campo da educação, baseando-se principalmente nos pressupostos do construtivismo de Piaget (1975), Vygotsky (1999) e Cobb (1988).

A experiência como metodologia do ensino-aprendizagem surgiu a partir do fundamento da Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano desenvolvida pelo cientista suíço Jean Piaget. Piaget

dedicou-se ao estudo do conhecimento humano com base na biologia e psicologia, cognição e afetividade, especialmente nas relações que se estabelecem entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Já o Construtivismo, que é uma corrente de pensamento em diferentes áreas do conhecimento, teve seu início no século XX, baseado nas interações entre o ser humano e o meio, atrelado à curiosidade do descobrir, inventar, redescobrir, criar. No Construtivismo a importância do que se faz é igual ao como e porque fazer, buscando delinear os diversos estágios por que passam os indivíduos na apropriação do conhecimento. Segundo Piaget (1923): “O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola”.

Essa abordagem exige uma ressignificação das metodologias usadas no processo educacional, fortalecendo a necessidade de se pensar no fazer pedagógico. Entre outras competências, o professor passa a ter que estar capacitado, portanto, à resolução dos problemas do ensino-aprendizagem, tanto em nível individual como coletivo.

Com essa ressignificação, professores e Instituições de Ensino Superior têm lançado mão do que se acordou nomear de Metodologias Ativas. Encontramos em Freire (1996) uma justificativa para as Metodologias Ativas aplicadas no ensino superior, com sua afirmação de que na educação de adultos, o que estimula a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas e construir o conhecimento novo a partir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos.

Bastos (2006) nos apresenta uma conceituação de Metodologias Ativas como “processos interativos de conhecimento, análise, estudos, pesquisas e decisões individuais ou coletivas, com a finalidade de encontrar soluções para um problema.” Nesse caminho, o professor atua como facilitador ou mediador para que o aluno faça pesquisas, desenvolva sua autonomia para atingir os objetivos propostos.

Podemos ainda entender que as Metodologias Ativas se baseiam em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios ocorridos das atividades em diferentes

contextos. As Metodologias Ativas utilizam a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem, com o objetivo de alcançar e estimular o aluno.

Aprender por meio da problematização e da experimentação, portanto, é uma das possibilidades de ressignificar o envolvimento do aluno em seu próprio processo de formação. O engajamento do mesmo em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela possibilidade do experimento, é condição essencial para ampliar suas probabilidades de exercitar sua autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo, se preparando para o exercício profissional futuro. O aprendizado é factível e aplicável, busca na realidade acadêmica realização tanto profissional como pessoal.

Nesta perspectiva, de acordo com o senso comum dos teóricos citados do Construtivismo, vimos fundamentar a Andragogia (do grego: andros – adulto e gogos – educar), a arte de ensinar aos jovens adultos, que busca caminhos que possibilitem a compreensão e norteiem o processo educacional do adulto. O aluno adulto aprende com seus próprios erros e acertos e tem imediata consciência do que não sabe e o quanto a falta de conhecimento o prejudica.

O método enfatiza a importância do erro não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. As práticas estão voltadas para a reflexão e auto-avaliação, portanto o processo de ensino-aprendizagem na ExperimentAÇÃO não é considerado rígido.

Nesse processo os alunos adultos aprendem partilhando conceitos. Desta convivência e ato participativo nos processos decisórios e de compreensão, podem resultar em resolução de problemas na construção do conhecimento de atitudes em um espaço com um novo significado.

4. Desenvolvimento

O primeiro ensaio (Ensaio sobre o cubo – não – branco), realizado em 16 de outubro de 2014, contou com a presença de três professores da Escola de Design da UVA (Ana Paula Feijó, Antônio Carlindo Câmara Lima e Beatriz Chimenthi) e um facilitador externo, o designer de joias William Farias. Durante duas horas um grupo de 30 alunos (todos das

Engenharias) teve o desafio de intervir livremente sobre um cubo branco tendo como única premissa a continuidade entre suas faces. O processo permitiu reflexões sobre sensibilização, motivação, integração e orientação dos trabalhos dos alunos. E o colaborador externo indicou para os professores a importância do silêncio, do não dito a fim de que o aluno encontre o lugar das respostas possíveis.



Fig. 2. O Ensaio sobre o cubo – não – branco, segundo a visão do professor Antonio Carlindo Câmara Lima (2014)

O segundo ensaio (Ensaio fotográfico #inspiraçãobarra), realizado em 29 de outubro de 2014, contou com a presença de três professores da Escola de Design da UVA (Ana Paula Feijó, Antônio Carlindo Câmara Lima e Roberto de Abreu) e o professor de Engenharia Fernando Saldanha, mais uma facilitadora externa, a fotógrafa e designer de joias Silvia Beildeck. Durante duas horas, um grupo de 25 alunos (dos cursos de Design de Moda e Design de Interiores) tiveram como desafio contar através de cinco fotos uma história da

sua relação com o espaço da Universidade. A proposta foi feita em torno de um piquenique no qual os alunos que pouco se conheciam, criaram sinergia, trocaram experiências e buscaram resultados.



Fig. 3. O Ensaio fotográfico#inspiraçãobarra, segundo a visão do professor Antonio Carlindo Câmara Lima (2014)

O terceiro ensaio (Equilibrium), realizado em 13 de abril de 2015, contou com a presença de dois professores da Escola de Design da UVA (Antônio Carlindo Câmara Lima e Nara Iwata) e um grupo de 20 alunos do curso de Design de Interiores. O professor Antônio Roberto Antunes atuou como facilitador do ensaio que teve o equilíbrio como ponto de ancoragem, tanto para o processo de criação, quanto para o processo de ensino-aprendizagem. Para a reflexão sobre a importância do significado metafísico do equilíbrio o ensaio teve a proposta lúdica do equilíbrio postural, considerando este trabalho físico como forma de envolvimento que por si só promove elasticidade, resiliência e a

destituição subjetiva (queda da intencionalidade) durante o processo de criação tendo como elemento de apoio uma fita de equilíbrio (*slackline*).

UVA

III Experimentação: Alunos com o Prof. Antônio Roberto, em 13/04/2015.

Introdução

Regra do equilíbrio: O produto do meio é igual ao produto dos extremos.

Professores presentes: Antônio Carlindo e Nara Iwata.

O caminho: Da linha à trama e do espaço para o lugar.

Desenvolvimento:

1. Equilíbrio em suspensão
2. Tensionamento
3. Ritmo - Simetria / Assimetria

Insights *Preparação*

Divisão dos grupos que se revesam

Colaboração criativa *Criação de cada grupo*

Fechamento

Segundo Antônio Roberto para o design é importante saber conviver com os erros e com os pontos de ancoragem.

Fig. 4. O Ensaio Equilibrium, segundo a visão do professor Antonio Carlindo Câmara Lima (2015)


















Introdução		Experimento som e imagem		 	
				 	
Insight		Orientação		<p>Material utilizado para para falar, cantar, projetar na parede.</p>  	
	<i>Primeira ação</i>	O seu som conduz a sua luz.			
	<i>Segunda ação</i>	Utilizando o celular, um app Ligth Paint e as mãos.		   	
Colaboração		  		 	
Fechamento				<p>Professores presentes: Antônio Carlindo, Nara Iwata e Margaret Carino</p>	

Fig. 5. O Ensaio “A Imagem do Som”, segundo a visão do professor Antonio Carlindo Câmara Lima (2015)

O quarto ensaio (A imagem do som), realizado em 29 de abril de 2015, contou com a presença de dois professores da Escola de Design da UVA (Antônio Carlindo Câmara Lima e Nara Iwata) e um grupo de 20 alunos do curso de Comunicação Social. O

professor Paulo Andrade atuou como facilitador de dois ensaios relacionadas à luz. O primeiro experimento consistiu em usar apontadores laser e um aparato elástico para que o laser desenhasse formas de acordo com a vibração da voz. Os alunos falavam ou cantavam e a vibração da voz fazia com que desenhos fossem formados a partir do áudio. O segundo experimento, também na sala escura, consistiu em usar a luz de celulares para desenhar formas luminosas ao redor dos alunos participantes, literalmente, desenhando com luz. Os alunos usaram seus próprios celulares e fizeram diversos desenhos, assumindo a direção do ensaio.

Os ensaios são conduzidos e anotados pelo prof. Antonio Carlindo Lima de modo sistêmico a fim de que seja viável a qualquer momento compartilhar as experiências e devolver para as salas de aulas os resultados positivos.

5. Considerações finais.

A circunstância de aprendizagem no ensino superior deve caracterizar-se por um "ambiente adulto". A confrontação da experiência de dois adultos (ambos com experiências igualadas no procedimento ativo da sociedade), faz do professor um facilitador do processo ensino aprendizagem e do educando um aprendiz, transformando o conhecimento em uma ação recíproca de troca de experiências vivenciadas, sendo um aprendizado em mão dupla. São relações horizontais de parceria entre facilitador e aprendizes, colaboradores de uma iniciativa conjunta, em que os empenhos de autores e atores são somados. A metodologia de ensino e aprendizagem fundamenta-se em eixos articuladores da motivação e da experiência dos aprendizes adultos. Desta coexistência e participação nos processos de decisão e de compreensão podem derivar contornos originais de resolução de problemas, de liderança, identidades e mudanças de atitudes.

O percurso demonstrado apresenta o desenvolvimento de uma ideia, nem sempre linear, mas que compõe uma linguagem atrelada à emoção. Como afirma Norman (2008), a emoção é a experiência consciente do afeto, completa com a atribuição da sua causa e identificação de seu objeto. Ocorreram impasses, em meio ao diálogo e reflexões, o que nos levou a destacar a importância das metodologias dialógicas e reflexivas já que segundo Paulo Freire é por meio destas que promovemos uma nova visão da realidade, podendo transformá-la.

Referências

- ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2004.
- ARENDDT, Hannah. *A Crise na Educação. Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BASTOS, C. C. Metodologias ativas. 2006. Disponível em:
<<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>.
Acesso em: 22/05/2015
- COBB, Paul. Disponível em: "The Tension between Theories of Learning and Instruction in Mathematics Education.- Educational Psychologist 23 (088):87103. Mathematical Sciences Education Board (MSEB) and National Research. Acesso em: 22/05/2015
- COELHO, Luiz Antonio. *Novas Idéias* Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2008.
_____. *Conceitos-chave em design*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- GUILFORD, Joy Paul. *Creative talents; their nature, uses and development*. Nova Iorque: Bearly, 1986.
- HAMZE, Andreia, *Andragogia e a arte de ensinar aos adultos*. Disponível em:
<<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm><. Acesso em: 22/05/2015
- MUNARI, Bruno. *¿Como nacen los objetos?* Barcelona: Gustavo Gili, 1981.
- NORMAN, Donald. *Design emocional*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PIAGET, J. (1999). *O pensamento e a linguagem na criança*. São Paulo: Martins Fontes
- SILVA, Elvan. "Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática". In: *Projeto Arquitetônico: disciplina em crise, disciplina em renovação*. São Paulo: Projeto, 1986.
- SIQUEIRA, Jairo. *Criatividade e Inovação*. Disponível na Internet via <http://criatividadeaplicada>
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.